

Os Músicos do Tejo e Sofia Dias e Vítor Roriz

Da Desordem das Paixões

Espetáculo de música e dança

03/07 *sex* **21h30**

Montebelo Mosteiro de Alcobaca Historic Hotel · Salão da Biblioteca

Parceria:



Programa

François de Chancy (1600–1656)

Excertos de *Ballet du dérèglement des passions*

I. 2ème Entrée - Prométhée

II. (8ème Entrée - La Lune, Endimion et trois autres Bergers

William Lawes (1602–1645)

Fantasia n.º 1 ("The Sunrise"),

extraída de *Consort Set n.º 8 a 6 partes em fá maior*

John Playford (1623–1686)

Excertos de *The English Dancing Master*

Nicolas Lebegue (c. 1631–1702)

Excertos de *Pièces de Clavessin*

Jean-Baptiste Lully (1632–1687)

Chaconne extraída de *Phaeton*

Passacaille extraída de *Armide*

Dieu des Enfers

Excertos de *Ballet des Plaisirs* (1655)

Marin Marais (1656–1728)

Chaconne da ópera *Alcyone*

Henry Purcell (1659–1695)

Fantasia n.º 8, Z.739 a 4 partes

Now the Night Is Chased Away, ária extraída de *The Fairy Queen*

To All Lovers of Music, Performers and Scrapers - Catch (Cânone)

Elisabeth Jacquet de La Guerre (1665–1729)

Excertos da ópera *Céphale et Procris*

I. Ouverture

II. Pour vivre sans chagrin, duo de Dorine e Archas

III. Marche pour les trompettes et violons (reconstrução das partes interiores por Marcos Magalhães)

Gaspard Le Roux (c. 1670–1706)

Peças a dois cravos (excertos de *Pièces de Clavessin*)

Marcos Magalhães (1973)

Estudo para uma Queda Lateral

Ficha artística

Marcos Magalhães, Marta Araújo, Sofia Dias e Vítor Roriz, *direção artística*

Sofia Dias & Vítor Roriz com Os Músicos do Tejo, *interpretação*

Marta Araújo e Marcos Magalhães, *direção musical*

Cárin Geada, *desenho de luz*

José António Tenente, *figurinos*

Marcos Magalhães, Marta Araújo, Sofia Dias e Vítor Roriz (com panos de Catarina Dias), *espaço cénico*

Centro Cultural de Belém, *coprodução*

Estúdios Victor Cordon (espaço de ensaios no âmbito do projeto "em casa"), *apoios*

Sofia Dias & Vítor Roriz e Os Músicos do Tejo, *produção*

Os Músicos do Tejo

Marta Leite Gonçalves, *traverso*

Denys Stetsenko, *violino*

Vasken Fermanian, *violino*

Álvaro Pinto, *viola*

Pedro Braga Falcão, *viola*

Vicente Magalhães, *contrabaixo*

Marta Araújo, *cravo*

Marcos Magalhães, *cravo, harmónio indiano*

Os Músicos do Tejo e Sofia Dias & Vítor Roriz são estruturas financiadas pela República Portuguesa - Cultura, Juventude e Desporto / DGARTES – Direção-Geral das Artes e Câmara Municipal de Lisboa.

Organização



Apoio



Com o apoio de:



Parceria estratégica



Parceria institucional



Parceiros media



Membro de



Agraciado por



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.

Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.

Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

Sinopse e continuação da sinopse

Os Músicos do Tejo e Sofia Dias & Vítor Roriz — Marta-Marcos-Sofia-Vítor — unidos pelo seu amor ao barroco, ao século XVII e XVIII, à dança, à música de dança, aos pássaros, aos textos sobre dança, aos textos que falam de danças maravilhosas, aos professores de dança que tocam violino e que compõem melodias de danças para os seus alunos por sua vez harmonizadas por outros alunos a cinco vozes, aos textos sobre textos, aos rituais onde ministros e embaixadores tinham de dançar correctamente no mínimo, e elegantemente no máximo, mas sem por assim mesmo poderem ter que vir a comparar-se ao rei com letra grande que esse sim tinha o passo mais elegante, o comportamento mais perfeito sobre o qual tudo se modelava, aos tratados em que o não gravado era quase tão belo como o relevo queimado gravura no papel nervurado, aos labirintos textuais, ao texto tornado imagem, à repetição ritmada das palavras, ao excesso das formas onde tudo é vento, chama, movimento e onde os corpos se contorcem em êxtases místicos numa metamorfose capturada a meio num eterno contínuo, à dança que se faz em silêncio, e o silêncio que se torna movimento, assim como que também ligados por um amor sobrevivente, desejam construir um traçado que se veja como se de fora, que se sinta no odorato, que provoque uma agitação ao mesmo tempo interior e exterior, profunda e superficial, um desenho de entradas passível de ser tão por mais ouvido que visto, mais atmosférico que unitário, suficientemente comunitário nos bastidores da realidade e ao conjugar uma música e uma dança em homenagem aos que dançaram para se manter em vida, relevantes no estado do estado-nação, decisivos na arte da metafísica de corte, sós diante dos olhos de todos, refractários e cúmplices da burocracia, apresentar um condigno esforço aos amantes de música, performers, e rabequistas e apelando à benevolente e talentosa proficiência de outros contemporâneos habitantes do mundo físico-químico — *artistes/flâneurs*/boémios de estabelecimento estável — e que vêm constituir segunda *equipage*, Marta-Álvaro-Vasken-Vicente-Pedro-Denys-Cárin-José-Catarina, em forma a que possam, em número certo e regular, preencher as premissas do que se prometia e Prometeu agrilhado ou agrilhoados a uma reciclagem hepática refluorescente, vulgo poder apresentar um momento multilateral, multidirecional, multidisciplinar, que abra a abertura, a entrada, o espaço do ser no palco do não-ser, mais ouvido que visto, mais intuído que instruído, e por conseguinte possamos todos no palco ser: será, portanto, mais proveitoso o desenho de uma série de desenhos, um percurso de várias entradas a dois, quatro, seis tempos, seja sistema decimal ou sumério, seja no sistema alucinatório, para que se evoquem correspondentes divindades, gárgulas, faunos, sátiros, ninfas, sereias em sistemas hidrográficos sonoros e visuais envolventes.

Informação para o preenchimento do ouvido interno

Mas que inspiração salvaria esta jangada lançada ao mar, contando com as várias formas de vento conhecidas, senão aquela que advém em retumbância directa do ano de 1648, à la Fronde, e que tomando o nome de Desordem ou Desregulamento serviu para, num só destemido despende de desespero, comemorar um infante sobrevivente da varíola que, temendo o palco cheio de senhores aí nesse instante, faria mais tarde do que os cinco anos de idade dobrar os actores à sua dança do existir com a nomeação ajuizada de um ou mais agentes/violinistas/dançarinos *bons à tout*, da mole humana de nobre

prole extraídos, devindo a alçar-se à coreografia dos mesmos por meio de figuras ou espadas, e que no seu prospectivo prefácio se dirige ao leitor por meio deste fragmento de folia assim desta maneira esboçado: *As Paixões não se contentam em chamar a si o império absoluto sobre todas as ações humanas. Como nasceram escravas, usam insolentemente todo o poder que usurparam. Depois de sacudirem o jugo da razão, suportam, com esforço, o da natureza. Aconselham baixezas, inspiram temeridades, conduzem a excessos, introduzem extravagâncias; e, por fim, desejam não se curvar a lei alguma, senão à que elas próprias ditam. Estes desregulamentos que instilam nos espíritos mostram-se diariamente nos teatros: contudo ninguém ousa levantar a cortina ou desvelar o nome do bailarino. Só os Deuses e Heróis dos antigos servem de alvos para o riso e a censura. Foram vistos tantas vezes em público que já não têm vergonha de servir de espetáculo; e os seus crimes são tão celebrados por Historiadores e Poetas que a imaginação já não se escandaliza. O Interesse, essa paixão cega que não significa somente a cobiça do ouro, mas também de tudo o que geralmente se designa de útil, e que, nesse sentido, faz parte da Ambição, arrebatou alguns. Os outros seguiram os movimentos impetuosos do Amor. E a maioria foi inflamada pelo mero desejo da Glória. Estas três principais causas de todos as suas desordens, bem como de todas as que ocorrem, presentemente, no mundo, formam as três partes deste Bailado: e alguns dos seus mais célebres efeitos estão representados em todas as Entradas; para fazer valer a diversidade da dança e contribuir para a explicação do assunto, algumas estão, no entanto, ligadas, formando em conjunto um exemplo único de desregulação?**

Conclusão indefinida

Soneto

O Bailado Dirigindo-se ao Espectador

Pensava dar-te em regalo
Mil diversos espectáculos,
Mas as máquinas desvairadas
Tornam a minha dor infinita.
Diana caça numa sala,
Jasão não sai para os mares,
E não vimos de todo nos ares
Voar Ícaro ou Dédalo.
Os Deuses vêm a pé pela estrada,
E Faetonte, que miséria!
É tão sábio como um transeunte.
Não é, então, com fundamento
Que desejo ser chamado
O Bailado do Desregulamento?*

Traduções de Marcos Magalhães

(O Autor escreve de acordo com o antigo Acordo Ortográfico.)

*Textos incluídos no prefácio do libretto de *Ballet du dérèglement des passions* com texto de François Bertaud e música de François de Chancy, estreado em Paris a 23 de janeiro de 1648.

Biografias

Os Músicos Do Tejo

Fundado em 2005 e dirigido por Marcos Magalhães e Marta Araújo, o agrupamento Os Músicos do Tejo tem desenvolvido um percurso assinalável no panorama europeu da música antiga. Festejaram em 2023 os 18 anos de existência num evento filosófico-musical com a presença de Peter Sloterdijk. O seu trabalho tem sido orientado por dois eixos complementares: dar a conhecer obras do património musical português inéditas ou pouco acessíveis, mas também desenvolver projetos inovadores e transdisciplinares, com artistas atuais, com vista a reflectir criativamente sobre a música e o seu papel na sociedade de hoje.

No seu já extenso percurso, produziram cinco óperas em parceria com o CCB (*La Spinalba*, *Il Trionfo d'Amore*, *Lo Frate 'Nnamorato*, *Le Carnaval et la Folie*, e *Paride ed Elena*), apresentaram-se em inúmeros concertos em Portugal e no estrangeiro (em locais tão variados como Lisboa, Porto, Évora, Mafra, Castelo Branco, Vigo, Brest, Paris, Goa, Sastmala, Madrid e Praga, entre outros) e gravaram seis CD: *Sementes do Fado* (2008), *As Árias de Luísa Todi* (2010), *La Spinalba* (2011), *Il Trionfo d'Amore* (2015), *From Baroque to Fado* (2017) e *Il Mondo della Luna* (2020).

Desde 2011, têm gravado exclusivamente para a editora Naxos que assegura uma distribuição mundial. Todos os CD tiveram excelentes críticas no âmbito nacional (Público, Diário de Notícias, Expresso, JL, entre outros) e internacional (Diapason, Classica, Opera, Songlines, Ritmo, Scherzo, Forum Opera, Klassik, Musicweb, Merker, entre outros). *Il Trionfo d'Amore* foi nomeado na Bestenliste do prestigiado Preis der Deutschen Schallplattenkritik. Com *Il Mondo della Luna* foram nomeados para o melhor álbum clássico nos Prémios Play da música portuguesa 2021.

Também na Fundação Calouste Gulbenkian, Os Músicos do Tejo têm apresentado vários concertos, dos quais se destacam *Dido* e *Eneias* de Purcell, *As Filhas do Fogo* (em colaboração com o realizador Pedro Costa) e *Do Barroco ao Fado*, com Ana Quintans e Ricardo Ribeiro. Estes dois últimos programas têm tido várias apresentações noutros locais, dos quais se destaca a apresentação de ambos em Madrid: na Cineteca de Madrid e no Auditorio Nacional de Musica.

Em Portugal, participaram em diversos eventos, tais como o Festival Internacional de Música de Póvoa de Varzim, Cistermúsica em Alcobaça, Natal em Lisboa/Egeac, Festival das Artes de Coimbra, Música nos Claustros/Elborae Musica, Ciclo Ciência na Música - Tejo no Thalia, entre outros. Em 2017, Os Músicos do Tejo obtiveram grande sucesso no Festival de Herne, num concerto com a participação de Joana Seara e João Fernandes que teve transmissão directa na rádio clássica alemã WDR3.

No âmbito do reavivar do património musical português, apresentaram, em 2018, a ópera ao gosto português *As Guerras de Alecrim e Mangerona* (Cistermúsica e Artemrede) e a oratória *La Giuditta* de F.A. Almeida na TMSR.

São de destacar, também, programas de concerto fora dos modelos convencionais que cruzam a música com o teatro, história e literatura como sejam *Veneza e os Limites da Moralidade* com a atriz Luísa Cruz (Dias da Música, Évora e Teatro Nacional São João, no Porto) e *To Play or Not to Play* (Teatro Thalia, Castelo Branco, Dias da Música), um programa em torno de Shakespeare, com João Fernandes como cantor e ator, registado em DVD.

Projetos recentes, de assinalar, são a apresentação nos Festival de Almagro em Espanha, Festival de Marvão, *As Filhas do Fogo* no Festival Porto/Post/Doc e *As Guerras de Alecrim e Mangerona* no CCB, *Lo Frate 'Nnamorato* no Musikkitalo em Helsínquia, Finlândia, *Paixão Segundo São João* de J.S. Bach na Aula Magna, *As Quatro Estações* de Vivaldi – concertos EGEAC/Natal e Gala lírica em Madrid.

Os Músicos do Tejo têm o apoio da Direcção Geral das Artes, da Câmara Municipal de Lisboa e da Biblioteca Nacional de Portugal.

Sofia Dias e Vítor Roriz

Sofia Dias e Vítor Roriz são uma dupla de artistas a colaborar desde 2006. A natureza híbrida da sua pesquisa, associada a uma curiosidade e necessidade de experimentação levou-os à criação de vários espetáculos, performances, faixas sonoras, vídeos, podcasts e instalações, atravessando diferentes contextos e esbatendo limites entre áreas artísticas.

Os seus espetáculos para palco, apresentados em mais de 17 países, convocam uma linguagem coreográfica depurada em ligação com a palavra e a voz, como são exemplo *Um gesto que não passa de uma ameaça* de 2011 (Prix Jardin d'Europe e Aerowaves Spring Forward) ou *O que não acontece* de 2018.

Para além dos espetáculos em dupla, Sofia e Vítor têm vindo a criar com e para outros intérpretes, quer a convite de companhias, como a Companhia Instável em 2010 e a Companhia Maior em 2019, quer em produções próprias, tais como *Satélites* (2015), *Escala* (2021) ou a sua próxima criação *Ruído* para cinco intérpretes com estreia em outubro de 2024.

Desde 2010 que Sofia e Vítor lecionam regularmente aulas e *workshops* em Portugal e no estrangeiro. Mantêm uma relação de proximidade com várias instituições de ensino formal e informal, tais como o Fórum Dança (Lisboa) na qual fizeram a curadoria da 2.^a e 6.^a edições do Programa Avançado de Criação em Artes Performativas (PACAP 2018/19 e 2023). Enquanto dupla, colaboraram com diversos artistas, entre os quais, Catarina Dias, Lília Mestre, Lara Torres, Gonçalo Waddington e Carla Maciel, Marco Martins, Clara Andermatt, Mark Tompkins, Tim Etchells, Felipe Hirsch. Têm vindo a colaborar mais regularmente com Tiago Rodrigues, enquanto intérpretes nas peças *António* e *Cleópatra* de 2014 e *Sopro* de 2017. Em 2020, fizeram assistência ao movimento na peça *Catarina e a beleza de matar fascistas* e em 2023/24 integraram a ópera *Tristão e Isolda* com encenação do mesmo autor.



Ao longo destes anos têm usufruído do importante apoio das redes europeias: Looping, TRANSFER, Aerowaves, Open Latitudes, Modul Dance, ONDA e Départs.

Em 2020, desenvolveram o projeto Infiltração no Teatro do Bairro Alto que previa a ocupação do teatro por um período de seis meses, durante o qual criaram e apresentaram a performance participativa *Dispositivos* e a peça *Escala*. Em 2022 foram os Artistas em Destaque no Festival GUIDance (Guimarães). Em 2022/2023 Sofia e Vítor foram os *Novos Inquilinos* no Teatro Viriato em Viseu. Durante o biénio 2023 e 2024 Sofia e Vítor são Artistas Residentes na Fundação Champalimaud (Lisboa).

A sua mais recente peça para palco *NEVERODDOREVEN*, criada em colaboração com Filiz Sizanli e Mustafa Kaplan contou com apresentações no Festival Alkantara (Lisboa), Teatro Viriato (Viseu), Festival d'Automne (Paris), Festival DDD (Porto) e Beykoz Kundura (Istambul).

Sofia Dias & Vítor Roriz são membros associados da REDE - Associação de Estruturas para a Dança Contemporânea.